

Comunidade Européia de Defesa ©



Europa Invencível

Quinta edição

A evolução das civilizações, inclusive suas diversas culturas internas - por exemplo, nações ou tendências sociológicas - alteraram as fronteiras culturais entre as civilizações durante períodos críticos da história. As Crônicas revelam que, a Europa - dentro das suas atuais Fronteiras Culturais Externas - perdeu e recuperou importantes regiões continentais e marítimas. [Fronteiras Culturais Européias: Zonas ameaçadas de extinção](#).

Uma cronologia significativa também confirma que a Europa Ocidental possui uma Região Central interna que permaneceu imune às ocupações estrangeiras / não européias. Atualmente, essa região interna - no que se refere às ameaças externas - baseia-se em segurança. A sua localização geográfica coloca-se a distâncias consideráveis das fronteiras culturais européias de primeira linha expostas de nossos dias. [Fronteiras integrais da Europa](#). No passado distante, no entanto, devido à fraqueza geral da Europa, a região em questão também estava na linha de frente. No entanto, apesar de seus extensos conflitos internos, permaneceu um bastião inexpugnável desde a queda da governança de Roma no oeste. Assim, as tentativas de forças não européias de penetrar na sua formação topográfica falharam persistentemente. Número de aspectos - inclusive de sua geografia específica e densidade populacional - atuaram como fatores defensivos. As regiões marítimas e

costeiras do norte não foram desafiadas. No sul, as regiões costeiras foram defendidas com sucesso, mas regiões marítimas significativas foram perdidas apenas para serem recuperadas mais tarde. No oeste, a cordilheira dos Pirenéus atuava como uma barreira natural. Consequentemente, a ocupação da Península Ibérica, iniciada na segunda década do século VIII - por um exército unificado não europeu que atravessava o Estreito de Gibraltar - não poderia ser ampliada para o norte na região em questão; Como as incursões nos Pirinéus poderiam ser derrotadas com sucesso. No entanto, esse sucesso durante o segundo quarto do século VIII, foi principalmente devido a intensos preparativos preventivos na Gália / França. Já era hora para Europa se defender em sua geografia ocidental de forma decisiva. Partindo a mesma invasão destrutiva - pelos sarracenos - no leste, onde é a Armênia - o primeiro país a reconhecer o cristianismo como uma religião do estado - e o mundo bizantino situado, provou ser também assustador. Na verdade, no segundo trimestre do século VII, a maioria dos últimos está ocupada. Assim, as Fronteiras Culturais Externas da Civilização Européia, desenvolvidas de acordo com essa linha do tempo, foram agredidas amplamente em suas perspectivas ocidentais e orientais sucessivamente. Apesar das resolutivas medidas europeias, regiões consideráveis permaneceram ocupadas por uma cultura estrangeira durante séculos.

Os perigos graves também surgiram do leste e do sudeste. Por exemplo, durante o século XIII, as forças do mongol dominaram a Ásia Central ultrapassaram partes significativas da Europa Oriental e só podiam ser interrompidas em tratos imediatamente além das bordas orientais continentais da região central ilustrada. Além disso, durante o quarto quarto do século XVII, um vasto exército islâmico da Anatólia que avançava do sudeste alcançou os portões de Viena e sitiou a cidade, mas não conseguiu avançar mais. No entanto, imensas secções da Europa do Sudeste



permaneceram ocupadas durante séculos por uma cultura estrangeira que prejudicou os padrões e as tradições europeias atrozmente. Também é imperativo levar em conta que o mundo bizantino / Roma no Oriente, que se estende para o Mediterrâneo oriental, é obliterado. Assim, as Fronteiras Continentais da Civilização Europeia permaneceram em uma agitação por um período considerável de tempo. Níveis surpreendentes de desunião europeia - às vezes também provenientes da geografia ilustrada acima - contribuíram para este estado desastroso de coisas.

Foi apenas durante o período contemporâneo - com o início do Projeto Europeu - as praticamente intermináveis rivalidades e divisões assertivas inter-europeias começaram a se dissipar. [O Futuro da Integração Europeia](#). Este aprimoramento interno pode efetivamente redirecionar a atenção da Europa para seus adversários externos . O ponto de vista da segurança, no entanto, uma tentativa amalgamativa da Europa Ocidental do início da década de 1950 - um tratado referido como a Comunidade Europeia de Defesa - provou ser abortivo. Em 1954, os seis estados signatários só poderiam obter cinco ratificações para o tratado em questão. A iniciativa foi um passo crucial na direção certa. O seu fracasso - principalmente devido à desconfiança inter-europeia dentro de uma psicologia incerta da Guerra Fria - ocorreu quando o Projeto Europeu estava em seu estágio de desenvolvimento inativo. Três anos depois, com o Tratado de Roma, os mesmos seis estados procederam e estabeleceram a *Comunidade Econômica Europeia - CEE*. Este desenvolvimento foi a base de uma vasta federação, mas faltava obter um exército consolidado. Assim, a União Europeia começou como a CEE. No entanto, se tivesse sido bem sucedido, o advento do Projeto Europeu poderia ter sido considerado como a Comunidade Europeia de Defesa.

Outras áreas de fraqueza foram a incapacidade da Europa de manter o ritmo decisivo com uma série de correntes globais e internas que avançam rapidamente. O centro de gravidade da União Europeia permanece



Tratado da Comunidade Europeia da Defesa, Paris, 27 de maio de 1952; Os Seis Estados signatários são a França, Itália, Bélgica, Holanda, Luxemburgo e Alemanha Ocidental. Na França - em 30 de agosto de 1954 - Assamblée National - não ratificou o Tratado, por isso foi abandonado

significativamente inclinado a questões econômicas internas, assediado com uma psique de permanência; outros fatores-chave são muitas vezes ficado de lado. [Escudos da Europa](#). Esta é uma posição não razoável que pode induzir uma avalanche de conseqüências negativas. A este respeito, uma infra-estrutura para uma força de defesa toda a Europa continua a ser uma questão importante. Conseqüentemente, a ênfase pode ter que concentrar-se primeiro na integração das forças européias a um nível razoável, estabelecendo assim uma força que pode fornecer à Europa os recursos necessários e o peso político. Assim, permitindo que ele desempenhe com sucesso seu tão esperado papel global, o que, por sua vez, promoverá efetivamente a segurança global. Em segundo lugar, a concentração estratégica de tais forças - inclusive as concentrações nas regiões periféricas das Fronteiras Culturais Externas, onde os riscos estão no seu máximo - pode proporcionar uma defesa global aprimorada. Também é apropriado acrescentar que as Forças de Reação Rápida - com suas sérias limitações - não têm lugar em problemas de segurança a longo prazo. [Fronteiras da Europa: União da Culturas dentro da Civilização](#). Posteriormente, pode ser possível aumentar gradualmente essas regiões periféricas para o mesmo nível de segurança mantido na Europa Central ou Ocidental. Compreensivelmente, as exposições que emanam de tecnologias de mísseis de longo alcance bem projetadas podem colocar praticamente todas as regiões em risco. Sem dúvida, uma perspectiva expedita terá em conta os interesses globais da Europa e os defenderá conjuntamente com maior eficiência, em geral, do que até agora. [Integração da Segurança Europeia](#) . Um mundo em rápida mudança também pode causar o fracasso de [Grande Europa](#). Fronteiras culturais externas, criando questões sociológicas e de segurança internas mais perigosas, incluindo desenvolvimentos com características anteriores envolvidas em um ambiente moderno. É melhor não repetir os erros do passado.

[Europa Política](#)



*T. S. Kahvé,
Patrimônio Ararat,
Londres, 2013/2017*